

Empresários preveem que inflação e juros cairão

São Paulo — Os empresários consideraram satisfatório o novo pacote econômico anunciado, ontem, pelo Governo, por acreditarem que, com ele, a inflação vai cair ainda mais, e até as taxas de juros poderão se reduzir. O único problema é que os cortes provocarão, de início, “uma diminuição das atividades industriais no país”, conforme prevê o diretor da Metalúrgica Matarazzo e diretor da Câmara Americana de Comércio para o Brasil, Knowlton King.

Na sua opinião, isso ocorrerá naturalmente, em função da redução dos investimentos das companhias estatais, mas esse espaço perdido, no começo, será “passo a passo” ocupado pelas empresas privadas, que poderão, inclusive, reabsorver os trabalhadores demitidos nessa provável e curta fase de recessão. King acredita que até as estatais menos deficitárias serão beneficiadas com as medidas, já que terão condições de manter um bom fluxo de investimentos.

Para o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, “o papel aceita tudo; resta saber se os executores das medidas — muitos dos quais estão comprometidos com as eleições de 1985 e 86, para prefeitos, governadores e para a Constituinte — não serão afetados por problemas políticos.

Afif Domingos é um dos que acham que o pacote (para ele, uma mistura de cortes com medidas que visam a aumentar a arrecadação) poderá contribuir para a queda da inflação. Entretanto, para que também os juros desçam, é necessário acabar com o excesso de “desintermediação” financeira hoje existente. Enquanto o sistema financeiro continua sendo usado para financiar o déficit público, afirmou, os juros reais não cairão.

O presidente da Associação Brasileira de Bancos Comerciais, Elmo de Araujo Camões, considera que o corte de Cr\$ 28 trilhões poderá ser insuficiente, caso as medidas tributárias não sirvam para complementá-los. Apesar disso, é bastante provável que as taxas de juros caiam e que o acordo com o FMI se torne mais fácil.

Segundo o sócio-gerente da P. J. Possas—Gestão de Patrimônio, e ex-vice-presidente da Corporação Bonfiglioni, Paulo Possas, o Governo deveria concentrar os cortes mais nos gastos das empresas estatais no segmento de custeio (despesas de pessoal) e não no de investimentos. Ele é de opinião que o quadro funcional das estatais está excessivamente carregado de funcionários de **staff**, ou seja, assessores com altos salários que pouco contribuem para a melhoria da eficiência da empresa. Ele considerou correto um corte nos investimentos situado em cerca de Cr\$ 6 trilhões.